

# O CASTELO

Franz Kafka

Tradução ~ Isabel Castro Silva

*Quando saíres a caminho da ida para Ítaca,  
faz votos para que seja longo o caminho,  
cheio de aventuras, cheio de conhecimentos.*

KONSTANDINOS KAVAFIS



O castelo  
**Franz Kafka**

Título original: *Das Schloss*, 1926  
1.ª edição: Maio de 2017  
© Ítaca, 2017

Seguiu-se a edição crítica das obras de Kafka:  
Franz Kafka, *Das Schloss*, Malcolm Pasley (ed.), S. Fischer Verlag, Frankfurt am Main, 1982  
As variantes e passagens eliminadas foram seleccionadas do volume de aparato crítico respectivo:  
Franz Kafka, *Das Schloss - Apparatband*, Malcolm Pasley (ed.), S. Fischer Verlag, Frankfurt am Main, 1982

Tradução: Isabel Castro Silva  
Revisão: Madalena Fragoso  
Design: Susana Cruz  
Capa e paginação: Ítaca  
Imagem da capa: Desenho do autor  
Impressão: Europress

**ÍTACA**  
CALÇADA CONDE DE PENAFIEL, 28 - 2.º D.º  
1100-158 LISBOA  
EDITORIAL@ITACA.PT  
WWW.ITACA.PT

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou outros, sem autorização prévia por escrito da Editora.

ISBN 978-989-99807-2-3  
DEPÓSITO LEGAL 425591/17

## ÍNDICE

- 1 ~ Chegada 7
- 2 ~ Barnabas 25
- 3 ~ Frieda...43
- 4 ~ Primeira conversa com a estalajadeira 53
- 5 ~ Em casa do regedor 66
- 6 ~ Segunda conversa com a estalajadeira 86
- 7 ~ O professor 100
- 8 ~ À espera de Klamm 110
- 9 ~ Luta contra o interrogatório 120
- 10 ~ Na estrada 131
- 11 ~ Na escola 137
- 12 ~ Os ajudantes 149
- 13 ~ Hans 156
- 14 ~ As censuras de Frieda 167
- 15 ~ Em casa de Amalia 179
- 16 ~ 189
- 17 ~ O segredo de Amalia 206
- 18 ~ O castigo de Amalia 222
- 19 ~ Súplicas 232
- 20 ~ Os planos de Olga 240
- 21 ~ 257
- 22 ~ 266
- 23 ~ 277
- 24 ~ 294
- 25 ~ 311
- Passagens rasuradas e fragmentos 341



## 1 - CHEGADA

Era já tarde na noite quando K. chegou. A aldeia estava coberta de neve. Nada se via da colina do castelo, envolta em neblina e escuridão, nem sequer uma luz ténue deixava adivinhar o grande castelo. K. demorou-se longamente na ponte de madeira que leva da estrada à aldeia e olhou para cima, para o que lhe pareceu ser o vazio.

Depois foi procurar um lugar para passar a noite; na estalagem estavam ainda a pé, o estalajadeiro não tinha nenhum quarto livre, surpreendido e desconcertado com a chegada do hóspede tardio, queria que K. dormisse na sala sobre uma enxerga de palha, K. concordou. Alguns aldeões demoravam-se ainda por ali, bebiam cerveja, mas K. não queria falar com ninguém, foi ele próprio buscar a enxerga de palha ao sótão e acomodou-se perto do fogão. A sala estava quente, os aldeões estavam calados, examinou-os ainda com os olhos cansados, depois adormeceu.

Mas pouco depois já o estavam a acordar. Ao seu lado, acompanhado pelo estalajadeiro, estava um rapaz com roupas citadinas, um rosto de actor, olhos pequenos e sobrançelas cerradas. Os aldeões também ainda ali continuavam, alguns giraram as cadeiras para ver e ouvir melhor. O rapaz desculpou-se com muita cortesia por ter acordado K., apresentou-se como sendo o filho do castelão e depois disse: «Esta aldeia é propriedade do castelo, quem aqui mora ou pernoita, em certa medida é no castelo que mora e pernoita. Ninguém o pode fazer sem autorização do conde. Mas o senhor não tem autorização ou pelo menos não a mostrou.»

K. endireitara-se e passara a mão pelo cabelo, olhou de baixo para os outros e disse: «Em que aldeia vim eu perder-me? Então há aqui um castelo?»

«Com certeza», disse o rapaz devagar, enquanto aqui e ali alguém fazia um aceno com a cabeça por cima de K., «o castelo do conde Westwest.»

«E é preciso autorização para passar aqui a noite?», perguntou K., como se quisesse convencer-se de que as informações anteriores não tinham talvez sido um sonho.

«É preciso ter autorização», ouviu em resposta, e com uma intenção grosseira de escárnio o rapaz esticou o braço e perguntou ao estalajadeiro e aos hóspedes: «Ou será que não é preciso ter autorização?»

«Então também eu terei de obter a autorização», disse K. com um bocejo, e arredou a manta como se quisesse levantar-se.

«Ah, sim, e a quem a vai pedir?», perguntou o rapaz.

«Ao senhor conde», disse K., «não vejo outra alternativa.»

«Vai pedir autorização ao senhor conde agora, à meia-noite?», exclamou o rapaz e afastou-se um passo para trás.

«Não é possível?» perguntou K. impávido. «Então por que razão me acordou?»

Agora o rapaz já começava a exaltar-se, «Só um vagabundo fala assim!», exclamou ele, «exijo respeito perante as autoridades do condado! Se o acordei foi para lhe comunicar que terá de abandonar de imediato os domínios do conde.»

«Já basta de comédia», disse K. em tom surpreendentemente baixo, deitou-se e cobriu-se com a manta, «já está a ir um pouco longe de mais, meu rapaz, e amanhã ainda terei ocasião de dizer alguma coisa sobre a sua conduta. O estalajadeiro e estes senhores são testemunhas, se é que eu preciso de testemunhas. Mas fica a saber que eu sou o agrimensur e que foi o conde quem me chamou. Os meus ajudantes chegam amanhã de trenó com os instrumentos. Não quis perder a oportunidade de uma marcha pela neve, infelizmente perdi-me umas quantas vezes do caminho e por isso só cheguei

a estas horas. Que era demasiado tarde para me apresentar agora no castelo já eu sabia por mim antes da sua prédica. Foi por essa razão que me contentei em passar aqui a noite, coisa que o senhor – que fique claro – teve a descortesia de vir incomodar. Com isto, não tenho mais explicações a dar. Meus senhores, boa noite.» E K. voltou-se para o fogão de sala.

«O agrimensor?», ouviu ele ainda alguém perguntar hesitantemente nas suas costas, depois todos ficaram em silêncio. Mas o rapaz depressa se recompôs e, num tom abafado o bastante para mostrar a sua consideração pelo sono de K. mas suficientemente alto para que também ele o entendesse, disse ao estalajadeiro: «Vou fazer um telefonema e esclarecer a questão.» Ora então, também havia um telefone nesta estalagem de aldeia? Não lhes faltava nada. Foi um pormenor que surpreendeu K., mas que no todo correspondia às suas expectativas. O telefone estava instalado quase acima da sua cabeça, de tão ensonado nem reparara. Se agora o rapaz tinha de fazer um telefonema, nem com a melhor vontade poderia poupar o sono de K., a questão era apenas a de saber se K. deveria deixá-lo telefonar, K. decidiu permitir. Agora também já não fazia sentido fingir que estava a dormir e por isso voltou a deitar-se de costas. Viu os aldeões que se juntavam e falavam entre si, a chegada de um agrimensor não era coisa de somenos. A porta da cozinha abriu-se, tapada por inteiro pela figura poderosa da estalajadeira, em pontas dos pés o marido aproximou-se dela para a pôr ao corrente. E agora começava a conversa por telefone. O castelão estava a dormir, mas a chamada foi atendida por um castelão adjunto, um entre vários, um certo Herr Fritz. O rapaz, que se apresentara como Schwarzer, contou que tinha encontrado K., um homem dos seus trinta anos, de aspecto andrajoso, a dormir tranquilamente sobre uma enxerga de palha, com uma pequena mochila fazendo as vezes de almofada e um bordão nodoso ao alcance da mão. Ora, este homem despertara as suas suspeitas, é claro, e já que o

estalajadeiro claramente negligenciara os seus deveres, ele, Schwarzer, sentira-se na obrigação de investigar a fundo a questão. K. levava muito a mal ter sido acordado, interrogado e ameaçado com a expulsão do condado, e talvez com razão, como vieram a saber, pois dizia ele ser um agrimensor chamado pelo senhor conde. Como é natural, subsistia pelo menos o dever formal de verificar esta afirmação, e por isso Schwarzer pedia a Herr Fritz que averiguasse junto da chancelaria central se estariam à espera de um agrimensor como o descrito e que telefonasse assim que tivesse resposta.

Ficaram todos em silêncio, enquanto Fritz se informava lá em cima, aqui aguardavam a resposta, K. deixou-se ficar como estava, não se virou uma única vez, parecia não ter nenhuma curiosidade, olhava apenas em frente. O relato de Schwarzer, no seu misto de malícia e cautela, dava-lhe a ver um certo treino diplomático em que no castelo seriam versados até simples subalternos como Schwarzer. E zelo também não lhes faltava, a chancelaria central funcionava mesmo à noite. E claramente não demoravam a responder, Fritz já estava a ligar. Mas as suas informações talvez fossem demasiado lacónicas, pois Schwarzer depressa pousou furiosamente o auscultador. «Foi o que eu disse», gritou ele, «não sabem nada de um agrimensor, é um vulgar vagabundo, mentiroso e provavelmente com más intenções.» Por um momento, K. pensou que todos, Schwarzer, os aldeões e os estalajadeiros se iriam lançar a ele, escondeu-se debaixo da manta para atenuar pelo menos o primeiro embate, nesse momento – K. voltava a pôr a cabeça de fora devagar – o telefone tocou outra vez e com um som que lhe pareceu particularmente estridente. Era pouco provável que dissesse de novo respeito a K., ainda assim todos hesitaram e Schwarzer aproximou-se outra vez do aparelho. Ouviu uma longa explicação do outro lado e em voz baixa disse: «Trata-se de um erro, portanto. Fico numa posição bastante desagradável. Foi o chefe da repartição que telefonou pessoalmente? Muito estranho, muito estranho. Como hei-de agora explicar isso ao senhor agrimensor?»

K. escutava com atenção. Era então verdade que o castelo o nomeara agrimensor. Isso por um lado desfavorecia-o, pois mostrava que no castelo tinham todas as informações necessárias sobre ele, que haviam sopesado as relações de forças e que aceitavam a luta com um sorriso. Por outro lado, porém, não deixava de o favorecer, já que na sua opinião tal prova que o subestimavam e que teria assim mais liberdade do que à partida esperara. E estavam enganados se julgavam que este reconhecimento oficial do seu trabalho de agrimensor – sem dúvida um sinal de superioridade intelectual – era quanto bastava para o deixar em constante susto, sentiu um ligeiro calafrio, nada mais.

Com um aceno da cabeça, contrariou a intenção de Schwarzer, que timidamente tentava aproximar-se; recusou a oferta insistente de se mudar para o quarto do estalajadeiro, aceitou dele apenas um cálice de licor para dormir melhor, da mulher dele uma bacia com um sabonete e uma toalha, e não teve sequer de pedir que os presentes se retirassem da sala, pois todos saíam já virando o rosto para o lado, talvez para que no dia seguinte K. não os reconhecesse, as luzes foram apagadas, por fim tinha sossego. Dormiu profundamente até à manhã seguinte, quase não notando as ratazanas que uma ou duas vezes deslizaram por ele.

Depois do pequeno-almoço, que seria pago pelo castelo, como aliás todas as outras despesas do seu alojamento, segundo lhe disse o estalajadeiro, K. quis pôr-se de imediato a caminho da aldeia. Mas como o estalajadeiro – com quem até agora falara apenas o estritamente necessário, recordando-se do seu comportamento de ontem – o seguisse para todo o lado com uma súplica muda, apiedou-se do homem e deixou que ele se sentasse ao seu lado algum tempo.

«Ainda não conheço o conde», disse K., «ouvi dizer que ele paga bem por um trabalho bem feito, é verdade? Quem viaja para tão longe da mulher e do filho, como eu, também quer levar para casa alguma coisa.»

«A esse respeito, não tem por que se preocupar, nunca ninguém se queixou de ser mal pago.»

«Antes assim», disse K., «não sou um homem tímido, nada me impede de dizer o que penso, mesmo a um conde, mas é claro que viver em paz com os senhores é de longe melhor.»

O estalajadeiro estava sentado à frente de K., no bordo do parapeito da janela, sem ousar instalar-se mais confortavelmente, e olhava o tempo todo para K. com grandes olhos castanhos e melindrados. Primeiro andara sempre atrás de K. e agora parecia que só queria escapular-se. Teria ele medo de responder a perguntas sobre o conde? Teria ele medo de que o «senhor» por quem tomava K. não fosse de confiança? K. tinha de desviar-lhe a atenção. Olhou para o relógio e disse: «Não tardará muito para que cheguem os meus ajudantes, podem ficar aqui alojados?»

«Com certeza, meu senhor», disse ele, «mas eles não ficarão contigo no castelo?»

Renunciava ele assim tão facilmente e com tanto gosto aos novos hóspedes e sobretudo a K., que agora remetia incondicionalmente para o castelo?

«Ainda não está decidido», disse K., «tenho primeiro de saber que trabalho têm para me dar. Se tiver de trabalhar aqui em baixo, por exemplo, será mais lógico que viva também aqui. Além disso, receio que a vida lá em cima no castelo não seja do meu agrado. Quero ser sempre livre.»

«Não conheces o castelo», disse o estalajadeiro em voz baixa.

«Tens razão», disse K., «não devemos cair em conclusões apressadas. A única certeza que até agora tenho acerca do castelo é que lá em cima sabem escolher o agrimensor certo. Talvez outras coisas falem em seu favor.» O estalajadeiro mordida nervosamente os lábios, K. levantou-se para poupar o homem à sua presença. Não era fácil conquistar-lhe a confiança.

Ao afastar-se, reparou num retrato enegrecido numa moldura enegrecida pendurada na parede. Já do seu lugar se

tinha apercebido dele, mas à distância não conseguira discernir os pormenores, julgara que o retrato tivesse sido retirado e se visse apenas o fundo negro. Mas o retrato estava lá, o busto de um homem dos seus cinquenta anos, como agora apurava. Tinha a cabeça tão afundada sobre o peito que mal se lhe viam os olhos, a fronte alta e pesada, bem como o nariz forte e adunco pareciam contribuir decisivamente para esta postura descaída. A barba cerrada, apertada contra o queixo pela posição da cabeça, estendia-se longamente para baixo. A mão esquerda aberta segurava a farta cabeleira, mas já não conseguia sustentar a cabeça. «Quem é», perguntou K., «o conde?» K. estava diante do retrato e nem sequer se voltou para o estalajadeiro. «Não», respondeu este, «é o castelão.» «Têm um belo castelão lá em cima, ninguém o pode negar», disse K., «só é pena que tenha um filho tão mal avisado.» «Não», disse o estalajadeiro, puxando K. para si, que se baixou um pouco para que ele lhe sussurrasse ao ouvido: «Ontem o Schwarzer exagerou, o pai dele é apenas um castelão adjunto, aliás um dos mais subalternos.» Neste momento o estalajadeiro pareceu a K. uma criança. «Aquele farsante!», disse K. com uma gargalhada, mas o estalajadeiro não ria, disse apenas: «O pai *dele* também tem poder.» «Ora então!» disse K., «Achas que toda a gente tem poder. Se calhar eu também?» «Acho que tu», disse ele timidamente mas muito sério, «acho que tu não tens poder.» «És então um bom observador», disse K., «a verdade, e fica entre nós, é que eu não tenho poder nenhum. E por essa razão respeito provavelmente tanto como tu os homens de poder, apenas não sou tão franco e nem sempre o quero admitir.» E K. deu umas palmadinhas no rosto do estalajadeiro, para o consolar e deixar mais à vontade. Agora ele já esboçava um sorriso. Era quase um rapaz ainda, com aquele rosto brando e imberbe. Como teria ele calhado com aquela mulher, grande e mais velha, que através do postigo podiam ver atarefada na cozinha com os cotovelos muito apartados do corpo. Mas K. não queria insistir mais com ele nem espantar